

MULHERES QUILOMBOLA NEGRAS RURAIS DA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL E SUAS TRAJETÓRIAS

LEANDRA RIBEIRO FONSECA¹
ALINE ACCORSSI³

¹*Universidade Federal de Pelotas–leandrarb85@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas–alineaccorssi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho sintetiza o anteprojeto de pesquisa apresentado no ingresso do processo seletivo para o curso de doutorado na faculdade de Educação. Tal pesquisa configura-se como a continuidade da investigação realizada no curso de pós-graduação PPGANT/ UFPEL, ao longo do curso de mestrado.

A pesquisa tem como tema as trajetórias de vida das mulheres quilombolas negras rurais do Rio Grande do Sul. Através da investigação, pretende-se ressaltar o empoderamento das mulheres quilombolas que estão sempre na luta da existência e na permanência nas resistências na formação de seus quilombos e assim resistindo a opressões e desigualdades de gênero. Entende-se que esse movimento tem um papel de extrema importância para luta, manutenção e regularização dos territórios na preservação das suas tradições e saberes.

As comunidades quilombolas são espaços históricos de muitas lutas e resistências, e da conservação das memórias que foram silenciadas há muitos anos. Abrigam conhecimentos passados de geração a geração para não serem esquecidos ao longo do tempo, algo primordial para afirmação cultural e resgate dos saberes e valorização da cultura quilombola.

As comunidades negras, localizadas especialmente no meio rural em terras de difícil acesso e longe das fazendas, passaram a ser identificadas como quilombolas a partir da Constituição Federal de 1988. Os quilombos surgiram como uma das maiores forças de resistência do povo negro contra o escravismo na época da colônia e imperial. Africanos e descendentes se reuniram em refúgios para reivindicar o direito de terem a liberdade sobre suas vidas, fazerem suas próprias plantações para sua sobrevivência e construir sua moradia para viver. E através dos conflitos surgiu a categoria jurídica, remanescente das comunidades quilombolas, instituída no Art.68 como forma de organização, luta e resistência para garantir a proteção das suas terras. A categoria das comunidades de quilombolas passou a contemplar coletivos negros que formaram a partir de diferentes processos de territorialização. Segundo GOMES(2013), a categoria remanescente de quilombos, na contemporaneidade, designa grupos sociais que se mobilizam ou são mobilizados por organizações sociais e políticas. E participam da vida pública sujeitos de direitos que buscam ser reconhecidos. A pesquisa é sobre as comunidades quilombolas, mas o objetivo é buscar as trajetórias de vida das mulheres quilombolas e reforçar a sua importância, tanto para os seus territórios como na manutenção das suas famílias, suas lutas por políticas públicas, por educação que é direito de todos e a valorização nas tradições e saberes, enfim a pesquisa busca evidenciar os desafios dessas mulheres.

Como problema de pesquisa:

Como mulheres negras quilombolas, de diferentes gerações e residem no meio rural?

Que obstáculos enfrentam?

Como se percebem as mulheres?

Essas percepções mudam de uma geração para outra?

Como foi e é ser mulher negra e num contexto rural quilombola? Como produzem sua identidade como negras rurais?

O objetivo da pesquisa, portanto, é compreender e valorizar a importância das trajetórias e os saberes das mulheres quilombolas que atuam como guardiãs das memórias coletivas, na luta na formação das suas comunidades e nas resistências, seu empoderamento.

Como o referencial teórico será mais aprofundado das comunidades quilombolas, serão apresentados alguns (as) referências do feminismo negro, que além de abordar questões de gênero, raça e classes trazendo interseccionalidade e alguns autores que dialogam sobre a educação para povo quilombola.

Ao propor uma pesquisa sobre as mulheres negras quilombolas, com origem no meio rural, não tem como fugir das questões de raça, gênero, classe e dominação. COLLINS (2015,p.107) chama isso de natureza interligada da opressão. Para falar sobre âmbito educacional vamos dialogar com PAULO FREIRE na pedagogia como prática da liberdade (1987), a possibilidade de mudar e transformar a realidade da educação libertadora. Para contribuir para pensar a educação como prática de Liberdade, para questões de gênero e as relações étnico raciais que debruça sobre o estudo da interseccionalidade BELL HOOKS (2013).

1. METODOLOGIA

O método de investigação será a pesquisa participante e, a partir deste desenho de investigação, utilizarei observação participante e entrevistas abertas para a produção de dados.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como ingressei recentemente no programa de pós-graduação- doutorado em educação- PPGE, a pesquisa se inicia e ao logo do curso tomará corpo e dará sequência ao objetivo proposto

3. CONCLUSÕES

Conforme os aspectos apresentados no corpo do documento são de suma importância trazer as trajetórias de vida das mulheres quilombolas, observando o significado de suas lutas e resistências, o empoderamento das mulheres para as tradições culturais e para preservação dos seus territórios na manutenção das comunidades quilombolas. Assim como se espera a conversação entre a comunidade acadêmica e a comunidade quilombola irá no decorrer da pesquisa responder nossas aflições e anseios sobre o tema apresentado justificando a importância do tema proposto para essa pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, nº 26, p. 329-376. São Paulo, 2006.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo como *outsider Within**: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127. Brasília, 2016.

FONSECA, Leandra Ribeiro. **Mulheres Quilombolas**: Trajetória de luta e identidade em construção. 237 f., 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Instituto de Ciências humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla: São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MARQUES, Carlos Eduardo; GOMES, Lilian. **A constituição de 1988 e a ressignificação dos quilombos contemporâneos: limites e potencialidades**. **RBSC**, v.28, n.81, p.137-153. São Paulo, 2015.